

O PROBLEMA DE DEUS EM TILlich E A PÓS-MODERNIDADE: DEUS ESTÁ MESMO MORTO?*

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa**

Resumo: este artigo pretende traçar considerações filosóficas e históricas sobre religião e seu papel na (pós) modernidade. Conclui abordando o pensamento de Paul Tillich diante da questão do pensamento moderno de que Deus estaria morto ou de que não teria lugar no pensamento racional humano. Assim se propõe a traçar o que é o moderno em relação à religião e considerar, a partir do pensamento de Tillich, o papel da religião e de Deus no contexto moderno.

Palavras-chave: Religião. Modernidade. Tillich.

THE PROBLEM OF GOD IN TILlich AND THE POST MODERNITY: GOD IS REALLY DEAD?

Abstract: *this article intends draw philosophical and historical considerations on religion and its role in (post) modernity. Conclue by addressing the Paul Tillich thought on the question of modern thought that God would be died or that would take place in rational thinking human. Thus sets out trace what is modern in relation with religion and consider, from thought of Tillich, the role of religion and God in the modern context.*

Keywords: Religio. Modernity. Tillich.

Não é fácil localizar a modernidade na história (HUYSEN, 1986), vários autores divergem. Alguns dizem que começou com a invenção dos estados - nação, outros com queda da bastilha, outros dizem que foi com a invenção da máquina a vapor de James Watt, mas a maioria das escolas históricas está de acordo que começou com as grandes navegações e a queda de Constantinopla (REIS, 2006). Modernidade é a denominação de um conjunto de fenômenos sociais e é também o resultado de uma série de eventos marcantes no mundo ocidental ocorridos nos últimos quinhentos anos, aproximadamente.

Mais do que uma focalização e um ponto fixo na história, a modernidade é uma condição humana, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são

* Recebido em: 25.05.2014. Aprovado em: 20.06.2014.

** Doutorando em Ciências da Religião pela Umesp. Mestre em filosofia pela UNESP. Professor no IFSP nas áreas de Antropologia e Sociologia. Sociólogo. Historiador. Advogado. E-mail: adv.otavio@ymail.com.



mudadas. Seu termo seguido: pós-modernidade não é algo dividido dela, é apenas a maximização do individualismo, enquanto na modernidade o seu ápice ideológico, a focalização dos supostos direitos foram direitos políticos, hoje o foco é o indivíduo, mas considero isso apenas uma consequência da modernidade e não um período disjuntivo dela. Talvez a melhor definição de pós-moderno seja a de Lyotard. O pós-moderno, como Lyotard (1984, p. 28) o definiu, é “a incredulidade para com as metanarrativas”, inclusive é uma crítica às representações religiosas. E uma maximização do projeto moderno de independência de Deus (LYOTARD, 1984, p. 28) ao homem que fica individualizado na história e, portanto, egoísta.

A modernidade trouxe uma nova consciência do sentido histórico, uma nova representação da temporalidade histórica e, com ela, o mundo se fragmentou em valores distintos. O espírito capitalista é moderno, desencantado, secularizado, racional. A modernidade é o desenvolvimento do processo de progresso, revolução, utopia; a ideia de história está dominada pelos conceitos de razão, consciência, sujeito, verdade e universal.

Desde o advento e aceitação geral do Positivismo lógico, cujo objetivo era tornar toda forma de conhecimento científico, ou melhor, a busca por uma nova verdade pura, surgiu um ideário de que o cientista não deveria se envolver com seu objeto de pesquisa, ou seja, deveria estar distante do seu objeto de pesquisa para poder analisá-lo com neutralidade. Como afirma Gonsalves (2007), não é possível contrapor atividade científica aos elementos subjetivos, afeto e emoção, como os positivistas acreditavam.

Antes da modernidade, ainda que com sérios problemas sobre liberdade, Deus era a referência do ser humano. A religião era um guia de mundo, uma visão pela qual o homem se pautava, mas agora o homem caminha só, sem um guia, uma referência de mundo que não seja ele mesmo. O principal orientador que é Deus, o próprio homem dispensou.

Ainda é bom lembrar que Hinkelammert, (2008. p.2) faz referência ao mito de Prometeu¹, segundo o autor esse mito é um dos grandes mitos da modernidade, formula o espaço mítico da modernidade e aparece nos pensamentos críticos sobre a mesma. Marx relaciona o mito de prometeu a uma libertação do proletariado, do homem que trabalha. O mito de qualquer maneira é visto como uma emancipação e rebeldia do homem frente aos deuses. A consequência dessa rebeldia causa é a autoconsciência humana, entendida como a consciência de ser consciente, está por sua vez, causa outra consequência, agora é o humano sua própria divindade suprema. Antes de Marx, Hegel (2007) já falava de uma autoconsciência humana, o ser humano despertou em seu espírito, não precisando mais das divindades, mas sujeitando-as a razão humana. Assim a nova referência do homem a saber: a razão, diminuiu Deus, cuja característica deveria ser a incompreensibilidade está agora sujeita a razão humana².

O mito prometeiano tem um fundo de verdade, o triunfo da técnica (por sinal produto da razão), na qual tecnologicamente e cientificamente, fez o homem tornar-se providência para si mesmo, e hoje, para acabar com a fome, as doenças, as inundações, as epidemias, não recorre a Deus, ou deuses, como faziam seus antepassados, mas sim à medicina, à engenharia, à indústria, etc. A modernidade proporcionada pela tecnologia, que é mitologicamente atribuída a Prometeu, ao mesmo tempo em que é um período histórico indefinido, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas.

O ponto alto da modernidade é perceptível com a confirmação de Marx de que não existe Deus e o homem se torna sua divindade suprema. Vale apontar que, o livro “idolatria do mercado”, escrito por Hinkelammert com Hugo Assmann (1989) denuncia o resultado do mercado como hispóstases, ou seja, sua suprema personalização-atribuição como agente autônomo. A esse agente é aplicado fé em sua total confiança (GIDDENS, 2002, p.127) de modo a pensar que nada vai dar errado. Com tal fé no mercado, os homens atribuem a ele uma confiança ilimitada, ou seja, uma divindade que pode resolver todos os problemas humanos. Deus se faz homem, na cultura cristã nossa leitura aponta para um conflito entre o deus libertador que se fez homem por querer uma aproximação de sua criação. Já o homem que se fez Prometeu para se afastar de Deus, entendendo que isso iria se auto-libertar. A própria configuração da religião cristã ocidental se tornou algo digno de ser combatido e uma prisão do qual o homem deve escapar. Essa opinião é observada por Las Casas (FREITAS NETO, 2003) quando o autor reflete sobre a dominação espanhola e portuguesa sobre as Américas e o sangue que



isso trouxe. Ocorre que o homem deveria ter se libertado da religião não de Deus, porém ao libertar-se da religião rompeu-se com Deus e ao que parece é o homem se faz Deus agora.

Essa visão de que Deus tornava o homem preso é errônea, o que na verdade o homem queria se libertar era do próprio homem, ou melhor, da religião humana de mortais que queriam se auto-proclamar porta-vozes da divindade. Com isso distorceram segundo seus interesses a mensagem divina, confundiram a mensagem de Deus com os muitos corruptos mediadores (PONDÉ, 2001). O ser humano na verdade quer se libertar de outros homens e acaba se separando de Deus. Com isso se torna um ser humano ridículo (PONDÉ, 2001), vazio de origem, sozinho no universo sem algo que explique sua origem e seu papel no universo. Não aceita uma consciência externa superior e externa ao próprio humano. Deus é reduzido à religião como manifestação social, esvaziando de significado a divindade. O professor Diego Klautau analisando a obra de Pondé diz:

A redução do fenômeno do religioso em suas formas psicológicas ou sociais é a base da crítica religiosa ao pensamento moderno. Assim, ao aprofundar a epistemologia das mediações, Pondé entende que a crítica religiosa pode se valer dessas mediações para atingir o projeto falido da contingência do homem auto-sustentável, seja essa sustentação de um projeto ético-político, seja na falência, ou insuficiência, de atingir a felicidade. A liberdade pós-adâmica se traduz numa nova expulsão do Paraíso. Sem Deus, não há alívio, não há trégua no tormento humano, que em si mesmo é vazio (KLAUTAU, 2009, p.136).

Assim, a religião é reduzida à compreensão social, econômica, científica, reduzida à ciência, só esse entendimento científico é aceito segundo as ciências do homem, antropologia sociologia, história e afins, na verdade um pensamento humano que sempre reduz a uma única compreensão científica desprezando outras formas de conhecimento. Comete-se assim o reducionismo científico do pensamento divino. Perde-se o significado da transcendência nesse reducionismo (LEPARGNEUR, 2004, p. 98), a ciência é um produto da modernidade. E a Modernidade ao mesmo tempo que é um período histórico (indefinido), é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas, há uma limitação das formas de conhecimento de que só a ciência formal é válida.

A visão de mundo no moderno e em sua crise - o pós-moderno - foi a certeza de que o mundo devia ser visto através de uma lente racionalizada e cientificista, na qual Deus ou a teologia não teriam lugar, ocorre que essa visão falhou fragorosamente em termos sentimentais, porém, teve sucesso em conquistar o mundo.

Em primeiro lugar falhou em sua própria certeza, as ideias Popperianas, a crise de paradigma de Khun, o fim das certezas de Prigogyne, bem como de outros cientistas como Feyerabend, Richard Rorty, Maturana e Morin, demonstraram que o racionalismo poderia ser questionado e que haveria novas possibilidades de uma nova consciência ser descoberta. Ora o mundo na modernidade só pode ser válido por aquilo que poderia ser dado em um gráfico matemático através do que Morin (2006) chama de paradigma newtoniano-Baconiano-Cartesiano ou grande paradigma do ocidente.

O Dr. Vitor Westhelle analisando essa questão diz: “Além disso algo que o mundo moderno proporcionou são as múltiplas “leituras da vida” através de formulas matemáticas e físicas. As coisas se tornam uniformes, ...com figuras diagramas, lista e texto (WESTHELLE 1995, p.263), observa ainda a pergunta de Latour (apud Westhelle. p. 267): “Que sociedade é esta onde uma fórmula matemática tem mais credibilidade do que qualquer outra coisa: o senso comum, outros sentidos além da visão, uma autoridade política ou mesmo as escrituras?”. A ciência se torna uma forma hegemônica de conhecimento, esse conhecimento se torna poder econômico, economia se torna números e gráficos. Assim, nesse mundo moderno coisas abstratas como Deus, Amor, arte etc... são consideradas menos importantes que o dinheiro e material. Assim a ciência, um conhecimento humano, de modo pedante, se coloca como única verdade disponível no universo rompendo com a religião e erroneamente com Deus causando uma crise no modo de conhecer o mundo sem precedentes.

TILlich E O ENTENDIMENTO DE DEUS

Nessa situação histórica como fica o papel de Deus? Paul Tillich vem oferecer uma resposta, ou melhor, oferecer questões filosóficas para orientar-se em relação a Deus em meio à modernidade.



Uma das questões mais preocupantes para Tillich é o Problema de Deus. O autor afirma sobre a impossibilidade de se tentar provar a existência de Deus uma vez que não é possível haver evidências ou argumentos capazes de provar sua existência ou inexistência. Desse modo há uma crítica tillichiana sobre a racionalidade pura. Enquanto ser absolutamente transcendente Deus não poderia ser captado pela racionalidade limitada humana.

Ao afirmar que o Ser Absoluto “como ser-em-si é o fundamento da estrutura ontológica do ser, não estando, contudo, submetido a esta estrutura. Deus é a estrutura” (TILLICH, 2000, p. 239), Tillich cria um entendimento de que quem está dentro da estrutura não pode ver sua totalidade pela sua limitação cognitiva.

Deus é infinitude e o ser humano é finitude, isso cria uma tensão ontológica na qual o ser humano não aceita ou não compreende completamente sua realidade: “o sistema teológico desenvolve o problema de Deus como uma questão implícita do ser; o conceito de finitude é o centro das análises que se seguem, pois é a finitude do ser que nos conduz ao problema de Deus”, a teologia enquanto *logia*, conhecimento sistematizado e cientificado, limitado e falho do humano, não pode compreender o *Theos*, assim haverá sempre uma separação ontológica do *Theos* e do *Logia*. Michel de Certeau lembra que a teologia uma ciência do objeto ausente ou incompreensível³.

Porém a modernidade desprezou os conhecimentos que não pudessem ser apreendidos em sua lógica racional. O que não pode ser aprendido e traduzido em uma matriz científica, matematizada e cartesiana não serve para o mundo unidimensional moderno. Assim, assuntos como Deus, amor, arte não valem a pena ser discutidos. O aspecto de Deus é negado pela modernidade não pelo fato de ser incompreensível, mas porque a razão moderna não aceita o incompreensível. Prefere não discutir. Já o entendimento tillichiano não deixa de discutir Deus por ser incompreensível.

De fato todo conhecimento científico não pode compreender algo incompreensível como a existência de Deus, assim a ciência conclui que se não se pode provar ele não existe. Tillich neste sentido dá um outra resposta. Tillich condena qualquer tentativa de se provar a existência de Deus. Para ele, não haverá fatos ou argumentos capazes de provar a existência de Deus e toda tentativa irá somente afirmar essa impossibilidade. Daí o sentido se torna ontológico, não há porque se preocupar em provar cientificamente a existência de Deus. Uma vez que tal conhecimento seria apenas inútil, assim Deus pode até existir, mas não ser provado em um método científico.

Tillich diz que Deus “como ser-em-si é o fundamento da estrutura ontológica do ser”, não estando, contudo, submetido a esta estrutura. “Deus é a estrutura” ele afirma. A partir desse pensamento não há possibilidade de compreensão de Deus. O que não significa que não deve haver espiritualidade, mas em outro nível que não o meramente racional.

Tillich era um homem do seu tempo nascido e formado em meio à modernidade e presenciou conflitos terríveis, tal como a guerra motivada por motivos imperialistas. Era um sábio no desvendar o pensamento moderno. Percebia a crise da teologia, e fez contribuições tão influentes que fez com que a teologia não pudesse ser desprezada do pensamento (pós) moderno. Ao estabelecer um método de correlação propôs uma teologia inserida na cultura moderna.

OS NOVOS MITOS

Segundo Hinkelammert (2005, p. 47), os mitos antagonizam a razão instrumental. Porém a razão instrumental vive, quando do seu interesse, certos mitos tal como a mão invisível do mercado. O autor afirma que a modernidade cria mitose ao mesmo tempo essa mesma modernidade é contra os mitos antigos, que confunde com religião. O pensamento moderno é contra os mitos gregos, mas criam mitos como o do progresso, do crescimento patológico, da democracia racial, da igualdade de oportunidade de igualdades, da verdade absoluta da ciência (que pretende explicar tudo) e vive segundo esses mitos. Os mitos segundo Campbell, são as histórias que conduzem nossas vidas, “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (CAMPBELL, 2007, p. 14) assim esses mitos, sobretudo o do progresso, é o que tem pautado a sociedade moderna. Não importa quem exclua ou quem deixe ferido, essa é a certeza que tem pautado nossa sociedade assim os sofrimentos e exclusões são justificados porque alguém disse que é assim que os mundo deve funcionar, é a própria essência do mito.



Um deles é que a ciência e o seu produto comercializável, as tecnologias, que foram apropriadas pelo capitalismo para gerar dinheiro, tem as potencialidades para resolver todos os problemas humanos. De comunicação a depressão, da produção material à fome, da impotência sexual ao deslocamento espacial, a tecnologia quer resolver todos os problemas, às vezes até os espirituais e emocionais através de remédios caros e globalizados.

A habilidade e a facilidade com que o homem cria técnicas sempre novas e mais perfeitas provocou nas gerações recentes uma confiança sem limites no progresso humano, nas possibilidades de levá-lo à frente até a realização do paraíso na terra e à feliz solução de todos os problemas e mistérios do homem. Mas é realmente verdade que as ciências e a técnica têm o poder de resolver todos os problemas e enigmas humanos? Não tem.

Aliado a toda manutenção de conhecimento único, surge à ideia de que conhecimento é poder (WESTHELLE, 2008) e que esse poder foi jungido ao capital e a serviço deste, ou seja, a ciência foi submetida ao “interesse do capital” (PANIKKAR, 2005 p. 20), sendo assim o poder ao qual se refere Marcuse (1973) em sua crítica a modernidade é o próprio capital. Para entender o trunfo do capital sobre os valores antes religiosos, houve um triunfo da comunicação que trouxe e confirmou a modernidade e propôs sua própria crise.

Surgiram, no seio da modernidade, novas tecnologias da comunicação, produtos dessa ciência racionalizada, que levou o homem a um movimento de consumo desmedido e capitalizado. As pessoas passaram a ser valoradas não pela sua essência, e sim pela sua capacidade de consumo. Termos antes caros a humanidade como a teologia como alma, bondade, caridade não tiveram mais lugar.

A modernidade a tudo racionaliza. A tudo matematiza, a tudo contabiliza, a tudo registra de tal maneira, que o homem fica reduzido a um negócio de contabilidade, que interessa particularmente aos registros das taxas e dos seguros (*Steuerug und Sicherrung*), para utilizar uma expressão de Heidegger (2007, p. 113). A razão dita racionalizada que serve para equilibrar o mercado, nunca produziu tanta loucura, quem não se encaixa no sistema e tem uma crise é considerado louco. Esse suposto diagnóstico só serve aos interesses do sistema de poder político e econômico estabelecido (FOUCAULT, 1972)

Hinkelammert (2005, p. 57) remete a uma frase de Goya “a razão ao sonhar produz monstros”, visto que a razão não sonha: planeja, não abstrai: calcula. A razão substituiu as necessidades humanas pelas preferências do mercado (HINKELAMMERT, 2005, p. 58). Nem a morte pode se discutir mais. A modernidade criou segundo Giddens (2002, p. 9) certo sequestro de experiências, ou seja, através do sistema auto-referenciado de conhecimento e de poder separa-se da vida certos conhecimentos naturais, como enfermidade loucura, criminalidade, morte, sexualidade. São direitos raptados e postos a serviços da racionalidade e da garantia de pagamento civil.

As garantias de direitos humanos foram cooptadas por direitos que na verdade só garantem a globalização do mercado, a propriedade privada e a miséria e morte dos excluídos. Embora o mundo possa reagir e enfrentar tais problemas, quem enfrenta leva a peja de terrorista e criminoso e outra vez combatidos por leis que só atendem as necessidades globalizantes.

É criado um mito do poder, um dos vários mitos pela qual a sociedade humana se configura, assim como o mito do sucesso, do crescimento patológico, da mão invisível, do capital justo etc..., ocorre que a mesma modernidade que não considera verdade os mitos antigos gregos se fundamenta e se relaciona nesses novos mitos. O que é pior mitos protegidos pela lei e pelo suposto estado democrático de direito. São os mitos modernos. Mitos que direcionam a visão da sociedade, o do crescimento ilimitado patológico (que causa problemas mentais e ecológicos), o da democracia racial (ledo engano), o da igualdade de oportunidades e de direitos (igualdade? Onde?), o da liberdade (apenas para consumir) o do livre-mercado (como se fora possível ele estar livre de forças que o dominam) etc...apesar da sociedade viver todos esses mitos, despreza os mitos fundantes de uma melhor visão de mundo.

No próprio cristianismo, o Deus que se fez homem é considerado um mito e ridicularizado, porém, se utilizam vários mitos para parametrizar a modernidade. Deus deixa de ser a reposta e se transforma em um homem, um semelhante a quem não se deve nada de superior, (HINKELAMMERT, 2005, p.73) criando de certo modo o cerne da modernidade: o humanismo, agora é o ser humano, e não Deus, o centro do universo. O cristianismo nasce com uma teologia da Culpa, da dívida e do perdão e nasce daí uma nova religião, uma religião sem culpa – o capitalismo (BENJAMIN, 2013).



Benjamin (1987, p. 69) evoca os termos “dívida” e “culpa”. Segundo ele numa perspectiva histórica não podemos separar esses dois termos, no sistema da religião capitalista, a “culpa mítica” da dívida econômica, surge como algo sem culpabilização. O capitalismo é um culto que não resgata, mas deixa um sentimento de culpa apenas nos sensíveis. Neste sentido, este sistema religioso, surge após o colapso do cristianismo. Uma enorme sensação de culpa, incapaz de se render, deu proveito a esse culto, e sua culpa, em vez de ser resgatada é universalizada, gravada na consciência, até que o próprio Deus é preso na rede da culpa, de modo que, finalmente, Ele próprio está interessado em sua expiação. Não se pode, portanto, esperar que isso aconteça no próprio culto, ou a reforma dessa religião, uma vez que teria de agarrar-se a algo sólido que aparentemente não existe na história (isso seria o verdadeiro cristianismo mas foi rejeitado e tido como mito). A essência deste movimento religioso que é o capitalismo é parte de sua capacidade de percorrer todo o caminho, de fornecer todas as repostas finais, até culpar a Deus, para atingir o estado de desespero no mundo.

O apocalipse cristão pode ser entendido como tradução da visão da história ocidental, é um dos textos fundantes da sociedade ocidental (HINKELAMMERT, 2005, p. 104). De Hobbes a Locke, de Marx a Engels, de Hegel aos capitalistas, todos compararam o apocalipse às mudanças econômicas e sociais que perpassaram o mundo. Esse texto é usado erroneamente para legitimar as violências ao redor do mundo bem como as injustiças produzidas pela exclusão (ora os cavaleiros do apocalipse são as mazelas do mundo). Essa comparação apocalíptica se torna assustadora demais quando pensamos no fato de que o mundo finalmente tem um poder auto-destrutivo causado pelo capitalismo, agravado pela oposição ao socialismo histórico. O mundo tem ogivas nucleares, biológicas e químicas para destruir a vida na terra mais de 400 vezes (THOMPSON, 1982), o apocalipse é rejeitado como mito. Um mito que se acredita que não pode acontecer, porém está perto como nunca, o apocalipse impacta além do cristianismo, e cria um “marco de categoria” (THOMPSON, 1982) do exercício de poder no ocidente.

A RELIGIÃO SEM CULPA

As ideias do humanismo que deveriam libertar o homem, na verdade o escravizam quando a maior de todas essas ideias: o mercado livre de controle, inclusive ético, surge.

Ocorre uma divinização do homem e a humanização de Deus (HINKELAMMERT, 2005, p.107). De como o humanismo trouxe agora na história que o homem e não Deus era o centro do universo. Disso decorre algumas consequências tal como: propriedade é individual e um direito sagrado, por natureza⁴. A isso o indivíduo leva como algo sacro. Outra consequência é o crescente poder da burguesia, cuja vida se dá pelo comércio, o comércio não mais é um meio de subsistência, mas a atividade pela qual as pessoas vivem e morrem. O importante nessa atividade passa a ser o lucro. Assim surgem as condições do capitalismo selvagem.

Analisando o texto de Walter Benjamin, O capitalismo como religião (2013), chega-se a conclusão de que o capitalismo também é uma religião, uma sem culpa. A culpa seria parte integrante das religiões. Esse sentimento é responsável pela evolução espiritual e arrependimento de uma comunidade.

Pode-se fazer um paralelo com o texto de Êxodo, que mostra a culpa que o povo no deserto sentiu, ao desobedecer a Moisés, adoraram um bezerro de ouro e realizaram desejos carnavais. Esse povo fez sua vontade sem qualquer controle, se auto adorou, pôs a vontade dos homens no lugar da de Deus, substituiu a presença de Deus por um objeto fundido feito pelas próprias mãos do homem o bezerro, mas aquele povo sentiu remorso e culpa quando Moisés voltou.

Já o homem moderno não sente mais arrependimento ou culpa. Mas o homem agora alimentou e adora aquele bezerro⁵, já crescido e posto simbolicamente no centro do capital, em Wall Street, como um fortalecido e crescido boi de ouro. O povo agora não sente culpa em adorar ao capital. Como analisa Benjamin, o capitalismo é uma religião na qual o culto se emancipou de um objeto de adoração e passou a ser o seu próprio ato de consumir e não há culpa, tabus, nem pecados ao contrário das religiões, e, portanto, não há redenção há só a felicidade prometida (mas raramente alcançada). Então, do ponto de vista da fé, o capitalismo não tem nenhum objeto: acredita no puro crédito no dinheiro a ser alcançado por um lucro que virá.

Há um culto ao dinheiro, o objeto de desejo e de adoração não é algo transcendente, mas o vil metal. O Deus se torna dinheiro (AGAMBEN, 2004). No capitalismo não há perdão de dívidas, mas



sim, há garantias de dívidas, que se tornam novos lucros⁶. No capitalismo não se pode pagar com sangue do Cordeiro suas dívidas. Também é pouco provável que uma divindade vá pagar as dívidas creditícias, disso só decorre a descrença na força de Deus e a crença na força do capital.

A culpabilização da religião Cristã se dá pelo assassinato de Cristo no Calvário, não há culpa no capitalismo apesar de várias vítimas que ele gera, assim é uma religião sem responsável pela sua culpa e sem Deus a quem culpar. Também rejeita o seu messias, o corpo sacrificado de bilhões de excluídos pobres. A religião tem a função de ser o fundamento da cosmovisão que legitima a ordem social vigente, assim o capitalismo como religião legitima a ordem do lucro.

Há um vácuo na objetividade do mundo, que esta no cerne da visão sistêmica de mundo (LUHMANN, 1986) e na inversão dos objetos e do papel do humano, agora são os objetos que fazem as coisas. E o dinheiro é quem faz o mundo girar. Tira do homem a sua responsabilidade do uso das máquinas e do dinheiro. Esta inversão teórica desculpabiliza o ser humano. O ser humano não é o ser que constrói o mundo em Deus. No capital, o ser humano é um objeto a ser usado, e quem constrói o mundo agora passa a ser o dinheiro em uma inversão da objetividade do agir do homem.

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos. Ocorre que a causa de tudo não são mais as relações múltiplas, mas o dinheiro é a causa de tudo (e não mais Deus) e é motivado pela ganância. A ganância é que dita o como o mundo vai se desenvolver.

UM DEUS MORTO

Assim, Deus e religiões não teriam lugar num mundo assim onde à própria racionalidade, e suas produções, ciência e tecnologia fazem o que antes o homem recorria as suas divindades. Se hoje o homem quer chuva em uma plantação, não mais sacrifica uma virgem ao seu deus, mas recorrer a engenharia hidrográfica, se quer saber se vai chover não mais consulta um oráculo e sim um moderno satélite. Há uma impressão constante, no mundo moderno, de que a frase de Nietzsche estava correta agora “Deus está morto”. Não há mais lugar para a metafísica. Segundo ele (1979) analisando certos mitos afirma que não há um Deus e um Satanás como fonte de bem e de mal, o homem é que é bom ou mal, assim os valores absolutos bem e mal são tirados do plano dos deuses e entregue ao homem.

A Doutora em filosofia Luciene Félix (2008) proclama um apóstrofo comum na ciência, a qual Deus é contestado: Vem Galileu diz que a terra (e o homem) não é o centro do universo, vem Marx e diz que religião é um ópio do povo, vem Nietzsche e diz que Deus morreu, vem Darwin e diz que descendemos dos animais, vem Freud e diz que não somos anjos travestidos, mas animais com ego, assim o divino, em nós é lentamente substituído pela ciência. Citando-a(s.p.):

O evolucionista Charles Darwin (1809-1882), em sua famosa obra ‘A origem das espécies’, discorre sobre a teoria da evolução dos seres vivos mediante a seleção natural. Darwin prova por a + b que descendemos dos primatas. Convém salientar que esse eminente britânico, embora afirmasse que religião nada mais é que ‘estratégia tribal de sobrevivência’, acreditava que Deus era o legislador supremo. O filólogo e filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) bebendo nas fontes gregas em ‘O nascimento da tragédia’, no culto ao orgiástico e desmedido Dionisíaco, em contraponto à ordem e harmonia Apolínea, identificou tensões de forças ocultas expressas na tragédia grega, especialmente nas dos pioneiros, Sófocles e Ésquilo. Considera Homero, insuperável. Também estudou o antiquíssimo Zoroastrismo, religião que professa que seu ‘deus’ Ahura-mazda abarca o bem e o mal em si mesmo. Ou seja, que não há um Deus e um Satanás como fonte de bem e de mal, o homem é que é bom ou mal. Já o médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), considerado o ‘Pai’ da psicanálise, disciplina que intenta mapear ‘geneticamente’ a psique humana, revelou-nos o inconsciente e suas motivações; Também recorreu aos mitos e tragediógrafos gregos e, eis outro misterioso enlace matrimonial: as pulsões de Eros e Tânatos (pulsões de libido e de morte), ação e repouso, vida e destruição, sempre em conjunto. Freud afirma que o sentimento religioso de um vínculo indissolúvel, de algo ilimitado, sem fronteiras, essa sensação de eternidade, algo oceânico, por assim dizer, não passa de uma ilusão. Para ele, todo nosso histórico biológico, encontra-se preservado em nossa vida mental, psíquica. Tal sentimento pode ser identificado acompanhando o feto no interior do útero, onde se encontra no verdadeiro paraíso, com todas as necessidades satisfeitas, em prazer imperturbável e absoluto. Dessa ‘memória’ biológica (registrada em nosso



inconsciente) deriva nossa sensação de plenitude, para onde sempre desejaremos regressar: (*omissis*) E acrescenta: “É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal” isso vai causar; O Mal-Estar na Civilização.

A modernidade tem como única fonte de verdade a ciência, e a ciência é extremamente influente no projeto moderno (RORTY, 1989). Porém “A ciência visa o controle dos objetos e das coisas e não busca o puro conhecimento, pois sua finalidade está embotada pelo poder assim ela tira algumas coisas do campo de visão” (RORTY, 1989, p. 62). A ciência diz o que é ou não é verdade, o que ou não é legítimo discutir. Westhelle (1992, p. 266) pergunta: “porque não discutir alquimia, astrologia, a benzedura ou mesmo a existência de Deus?”. A ciência moderna tira de discussão tudo aquilo que um dia foi importantíssimo ao homem e dita outras coisas não humanas para serem discutidas. Na modernidade o universo pretende ser reduzido e explicado por uma fórmula científica.

Essa fórmula matemática-física-química teria poder de supostamente explicar o universo (mas não tem), falhou em várias explicações: Em dar sentido à vida, em explicar as sensações e memórias íntimas que um cheiro pode trazer, em explicar o amor e falhou, no sentido moriniano em seu próprio projeto, visto que a ciência enfrenta agora uma crise em si mesma.

Conforme Alain Touraine (apud WESTHELLE, 2008), modernidade não se define apenas negativamente. Ela não se reduz ao que a expressão *modernidade racionalista* indica. Tal categoria de compreensão encerra a ideia da rejeição à tudo o que possa ser compreendido como não-racional. Portanto ideias não racionalizadas, tal como a existência de Deus não cabem mais na modernidade (WESTHELLE, 2008).

Scheler, lembra Ferreti (1982), foi um dos principais autores a lançar uma denúncia vigorosa contra o ídolo da técnica; ela levou a uma subversão total dos valores; os valores de espírito não contam mais nada; a única preocupação que importa diz respeito apenas ao bem-estar, aos divertimentos, aos prazeres. Incapaz de viver os autênticos valores do espírito, o homem, que se deixou seduzir pelo ídolo da técnica, por fenômeno de ressentimento, os despreza e procura a afirmação de si mesmo na vontade de dominação do mundo, não mais visto como um meio para a realização dos valores mais altos, mas como fim em si mesmo: donde a civilização da técnica, o industrialismo e o capitalismo. Ferreti afirma, analisando as obras de Scheler, o seguinte:

Logo não há mais plenitude de vida, não mais o amor para o mundo e para a plenitude de suas qualidades, não mais a autocontemplação desinteressada como objetivo real do homem, mas cálculo utilitarista com fim em si mesmo, redução da natureza ao seu aspecto exatamente mensurável e seguramente dominável, fanatismo do trabalho e do lucro, avaliação somente das qualidades humanas de diligência, rapidez, capacidade de adaptação, que possuem uma utilidade aos fins lucrativos. O nascimento da ciência moderna e a concepção mecanicista da natureza não são as causas, mas sim os efeitos dessa nova atitude, que consagrou a natureza, privando-a de Deus, da alma, de todo valor e qualidade (FERRETI, G., 1982).

Além da perda dos valores do espírito, a ciência e a técnica causaram um desgaste profundo nas relações humanas. Buber (2001) observou agudamente que, com o passar dos séculos, o mundo material se engrandeceu mais e mais, enquanto o mundo das relações pessoais pouco a pouco foi acabando. Um processo é a consequência do outro, visto que “o desenvolvimento da capacidade de experimentar e de utilizar cresce com a diminuição da capacidade do homem de criar uma relação dialógica” (BUBER, 2001, p. 65). Hoje, parece que a relação dialógica ficou menor, e que tenha cedido lugar àquela do domínio entre homens e de subjugação entre estes e a natureza.

De fato o homem matou Deus, em seu coração. Extirpou toda a ideia de divino, porém, segundo os argumentos teológicos de Tillich isto é uma impossibilidade lógica. Como desaparecer com as ideias de algo se não se pode ao menos perceber ou provar uma existência? Isto é uma impossibilidade metafísica e lógica.

PAPEL DO SER HUMANO: SERVIR

Surgiu uma forma hegemônica de conhecimento é o que é válido, e conhecimento se torna poder econômico, economia se torna números e gráficos. Assim, nesse mundo moderno coisas



abstratas são consideradas menos importantes como Deus, Amor, arte etc... Além disso algo que o mundo moderno proporcionou são as múltiplas “leituras da vida” através de formulas matemáticas e físicas. As coisas se tornam uniformes, com figuras diagramas, lista e textos, e o cientista é aquele que é visto como a pessoa que mantém a humanidade como algo além dela mesma (RORTY, 1982, p. 10), ou seja, exerce um sacerdócio também, assim as verdades que a humanidade busca foram impostas serem respondidas pela ciência.

Ao fazer uma análise do mito de Édipo, Freud (1930) faz com que a ideia de Deus substituída por uma consideração psicológica: substituí-se a ideia de divino por uma opressão, um desejo de ser oprimido do próprio homem. Uma comparação com Deus pai as interpretações dos cânones freudianos em relação ao Deus pai responde as pergunta reduzindo

Deus à algo compreensível pela razão, na verdade apenas uma tentativa de resposta típica da cientificação da modernidade, que pretende cientificar tudo. No sentido freudiano a religião responderia ao anseio por um pai poderoso que oferece segurança, proteção (poupa os homens de uma neurose individual ao preço de deixá-los num estado de infantilismo psicológico, submetidos ao que chama de um delírio de massa). Freud afirma que a natureza do homem exige este tipo de controle para que ele possa viver em sociedade. Dessa forma, se a religião fosse extinta, inevitavelmente, o homem criaria outro sistema de doutrinas com as mesmas características para se defender. Ao que parece criou o capitalismo, ou melhor, ao invés de uma religião com Pai se transmutou em uma religião sem pai. Não é um novo sistema é ainda uma religião, mas sem pai a quem atribuir seus conflitos psíquicos.

Justiniano (2001) em Roma já falava de uma teoria do espelho atribuída a Marx, que afirma que o sistema jurídico é um reflexo das relações econômicas. Por exemplo, quanto à satisfação dos débitos para garantir as dívidas, já lecionava Gaio (segundo lições de Justiniano) (Digesto, 27, 10, 5) a ideia de que só deverão ser vendidos os bens do executado que se mostrarem suficientes para a satisfação dos seus débitos. É o princípio da satisfatividade, informativo da tutela jurisdicional executiva previsto no artigo 659 do Código de Processo Civil Brasileiro em várias leis do ocidente. Além disso as questões de herança eram puramente materiais como nos direitos ocidentais hoje e não mais patrimônio sentimental ligado ao nome. O direito sempre teve relação íntima ao econômico. O que serve para uma análise do capital como regras imperiais de domínio como aponta Jung et al (2012) pela qual o império capitalista a tudo domina.

Assim nessa lógica, elementos de direitos humanos, como vida e liberdade, tem menos valor que a propriedade. Até bem pouco tempo atrás na história no Brasil e em alguns países ainda persiste, a ideia de se ir preso por dívidas materiais, o que dá a liberdade um valor menor que a propriedade. Isto para não falar nas violentas retomadas de propriedade abalizadas pelo Estado muitas vezes com mortes⁷. Nesses episódios se depreende de que a vida tem menos valor do que propriedade.

CONCLUINDO

Em meio a tantos problemas é necessária uma nova teologia uma teologia que atenda as necessidades humanas, a situação do homem está em doença e é necessária uma cura, assim segundo Tillich (2000, p. 293):

Chegamos assim à conclusão que cura e salvação se pertencem mutuamente de modo indissociável, que os múltiplos aspectos do curar/salvar devem ser claramente diferenciados, que eles são produzidos por uma força suprema de cura e que seus portadores devem lutar juntos a favor da humanidade. Nenhuma separação, nenhuma confusão mas um objetivo comum de todo “curar”: o ser humano salvo, em totalidade.

Assim apresenta uma resposta à morte suposta morte de Deus, um Deus mais próximo da humanidade propondo uma religião humana e não de aspecto divino. “Uma religião que não possui um poder de curar e salvar é desprovida de sentido” (TILLICH, 2000, p. 300). Assim é necessário uma cura para os anseios religiosos da humanidade e a resposta com certeza não está na ausência da ideia de Deus. Se assim fosse com suas centenas de anos de existência a modernidade já teria acabado com a fome, guerra e miséria do mundo.



A teologia de Paul Tillich tem como objetivo aplicar a mensagem do evangelho de forma contextualizada ao homem moderno, tornando-o relevante à sua geração. Para isso, ele usa as ferramentas filosóficas existenciais, tendência do pensamento humano de sua época, e as adapta para a teologia. Ele utilizou a filosofia como base da teologia. A mensagem do evangelho perdeu seu caráter divino e autoritativo. A revelação divina foi confundida com a cultura e a interpretação histórica do fato. A veracidade da mensagem foi colocada em segundo plano, pondo-se em evidência a sua interpretação. A instituição feita por homens falhos substituiu o Jesus que nunca falhou. É essa a causa das crises e não próprio Deus.

A fé foi resumida à fé da Igreja. Com essa transformação de conceitos sobre a Palavra de Deus e, principalmente, sobre a revelação divina, o homem fica livre para criar uma mensagem cristã mais parecida com os seus pensamentos. A teologia perde seu caráter de confrontação de princípios, valores e atitudes, para ser mais adaptável aos problemas existenciais. É sem dúvida uma teologia prática voltada para o ser humano, assim Deus não estaria morto, pois não se encaixa na definição do que entendemos vida, mas está presente e deve estar presente nos problemas e finitudes humanas.

Assim se faz necessária uma nova ética do sujeito (HINKELAMMERT, 2005, p. 47), uma agir do sujeito sobre o mundo. O autor propõe que uma teologia da libertação, possa ser a solução, não um rompimento com Deus, mas com aquilo que oprime o homem, um novo ecumenismo. A resposta para esse problema talvez esteja na proposta de uma nova Religião, digamos uma religião esclarecida (se é que isso é possível), um que proponha como fundamentos de sua religiosidade as ideias que não produzam vítimas (CERTEAU, 1998), onde o fundamento das configurações cristãs seja a o amor ao próximo; das judaicas, o relacionamento com Yavhé e da sua benignidade, das muçulmanas do caminho do servir sem escravizar e da bondade. Ou seja, que seus fundamentos sejam os condizentes com as conquistas de direitos humanos conseguidas a muito custo pelo Estado democrático, e da promoção de um Estado Laico que garanta o respeito as culturas e a liberdade religiosa.

Um pensamento novo teológico é necessário baseado em uma teologia se renda a um caminho de amor, a justiça e o poder, como no caso de um célebre texto de Paul Tillich. Em *Dynamics of Faith*, prefere falar em estados de coisas que consideramos tão importantes que os identificamos como nosso “interesse maior” (*ultimate concern*). A fé, portanto, tem que ver, acima de tudo, com a esperança, com a esperança revestida de desejo que contém nosso interesse maior. A esperança que alicerça a fé tem de ser suficientemente forte para sustenta-la. Ela tem de ser uma esperança fundamentada no desejo – desejo que, por sua vez, é alimentado pelo amor. Amor ao próximo é um valor que só pode ser dado pela ideia cristã e é uma qualidade em falta na modernidade e que precisa ser ressuscitada como Jesus o foi. Assim o significado da ressurreição transcende a ciência pois pode ser entendido como o reaparecimento do amor nos atos humanos representado pelo símbolo de Jesus.

Assim vemos de mitos que foram desconstruídos para dar lugar a outros não mais para explicar a vida, mas para subjugar a vida a um sistema cruel de poder. Porém outros mitos surgiram para dar certa razão ao modo de vida moderno, posso fazer uma consideração o mito da caverna de Platão: em nossa sociedade apenas se enxerga o que quer e não percebemos que somos escravos de nosso próprio desejo imposto por um sistema maior que nos prende a nos mesmos.

Notas

- 1 Basicamente o mito diz da Mitologia, São Paulo, Editora Edipro, 1a. Edição 2007. Claro que essa é uma das inúmeras versões que existem do mito, mas ele significa que os homens se tornaram independentes dos deuses. 11 Basicamente o mito diz que homens e mulheres eram seres primitivos, vivendo da caça e coleta. Desconheciam o fogo, por isso comiam a comida crua, e embrulhavam-se em peles espessas para se defenderem do frio do Inverno. Não sabiam trabalhar os metais para fazerem ferramentas ou armas duradouras. Zeus preferia que eles continuassem assim, porque de outra forma receava que alguns viessem um dia a querer roubar-lhe o poder. Mas o sábio Prometeu amava a Humanidade e sabia que com a sua ajuda os homens podiam progredir, saindo do seu estado primitivo. Prometeu foi em segredo ao Olimpo e roubou o fogo dos Deuses entregando aos humanos. Com a ajuda de Prometeu, o homem desenvolveu-se rapidamente. Ficando assim independente dos deuses. Zeus estava furioso e mandou levar Prometeu para uma das montanhas de leste e acorrentá-lo a uma rocha. Uma águia feroz ia todos os dias comer-lhe o fígado, e todas as manhãs o fígado tornava a crescer, de forma que a tortura recomeçava. Passaram-se muitos anos antes de Prometeu ser liberto - dizem que trinta mil – até que o valente Hércules que o libertou. Fonte: BINI, E., A sabedoria



da Mitologia, São Paulo, Editora Edipro, 1a. Edição 2007. Claro que essa é uma das inúmeras versões que existem do mito, mas ele significa que os homens se tornaram independentes dos Deuses através do seu trabalho, avés do seu trabalho.

- 2 Sobretudo no pensamento materialista dialético hegeliano, um dos ápices da razão moderna.
- 3 Nesse sentido, ousou dizer que a teologia deve pertencer a um campo do conhecimento mais amplo do que ciência, diria mais próximo da filosofia, uma vez que se não há objeto para se observar, ou no caso haver um objeto impossível de se observar, no caso Deus, a teologia não é ciência e sim um campo do conhecimento único ou filosófico. Neste sentido se diferencia das ciências da religião que podem captar outros ramos observáveis da religião tal como culto, antropologia, história etc..
- 4 É bom lembrar que o filósofo John Locke, propôs a ideia de propriedade como um direito natural durante as ideias iluministas, ou seja bem na base da formação ideológica da sociedade moderna.
- 5 Cujo significado é apenas um objeto feitos pelas suas próprias mãos.
- 6 Boa parte do sistema capitalista funciona com o crédito, donde se deposita algo em garantia que na maioria das vezes é um objeto de valor superior a própria dívida e esse sistema de créditos e juros é a atividade mais lucrativa do capital.
- 7 Podemos colocar como exemplo a violenta desocupação do Pinheirinho que foi uma ação de reintegração de posse realizada na comunidade de Pinheirinho em janeiro de 2012 no município paulista de São José dos Campos. O número de habitantes era estimado entre 6 e 9 mil moradores que foram jogados na rua com várias denúncias de violência e morte por parte da polícia que protegia a propriedade privada.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Permanente Emergência. Entrevista. Globo, Caderno Prosa e Verso, 4 dez. 2004. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/08/03/conexao-agamben-505597.asp>, acesso em 13/03/2014.

ASSMANN, Hugo, HINKELAMMERT, Franz J. A Idolatria do mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia, Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1989.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. O capitalismo como religião / Michael Löwy (org.), Boitempo Editorial, 2013.

BUBER, M. eu e vós, (original 1937) , São Paulo, editora centauro, 2001.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000, 2ª ed.

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.p.261

FERRETI G. Max Scheler, fenomenologia e antropologia personalística, Vita e pensiero, Milão, 1972, Trad. Samuel Verdugo, EDUSP, 1982

FELIX, L. Darwin, Nietzsche e Freud - O ocaso de Deus. Revista da Escola Superior de Direito Constitucional – ESDC, Dossiê filosofia do direito. 2008, numero 5, 1 ed. pp. 125-137.

FLEISCHACKER, Samuel. On Adam Smith's 'Wealth of nations': a philosophical companion. Princeton: Princeton University Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972

FREITAS NETO, José Alves de. Bartolomé de las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a caridade . São Paulo, Annablume, 2003.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. E.S.B. Rio de Janeiro:Imago, 1974

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor ,2002

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de janeiro: Dp&a, memória



americana. São Paulo, Annablume. 2003.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2006

HEGEL, G. W. F. Werke in zwanzig Bänden: Theorie-Werkausgabe. Frankfurt am Main: Shrkamp, 1970.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche – volume II. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2007.

HINKELAMMERT, Franz J. Hacia una crítica de la razón mítica: el labirinto de la modernidade. México: Editorial Driada, 2008.

HOFFMANN, R. Distribuição de renda: medidas de desigualdade e pobreza. São Paulo: EDUSP, 1998.

HUYSEN, A.. After the great divide, Modernism, mass culture and postmodernism. Bloomington: Indiana University Press. 1986.

JUSTINIANO, Flavius Petrus Sabbatitus, *Institutas*, trad. Edson Bini São Paulo, Edipro, 2001.

KLAUTAU, Diego. O conceito de Humanismo Ridículo proposto por Luiz Felipe Pondé. Crítica à Modernidade: Entre Dostoiévsk e Pio IX, Sacrilégens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF - v. 4, n. 1, dezembro de 2007

LEPARGNEUR, Hubert, Reduccionismo Científico e Abertura à Transcendência. Síntese - Rev. de Filosofia, v. 31 n. 99 , 2004: 91-105

LIMA VAZ, H. de. Religião e modernidade filosófica, In M.C.BINGEMER (org) O impacto da modernidade sobre a religião, Col. Seminários Especiais - Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1992

LYOTARD, Jean-François. The Postmodern Condition: A Report on Knowledge. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

LUHMANN, Niklas. The autopoiesis of Social Systems. In: GEYER, F.; ZOUWEN, J. (Org.). Sociocybernetic paradoxes. Cambridge: Polity Press, 1986.

MARCUSE, Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional. (Tradução de Giasone Rebuá). 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MESSNER, S. F.; ROSENFELD, R., Crime and the American Dream. Belmont: Wadsworth, 2000.

MÍGUEZ, Néstor. RIEGER, Joerg, SUNG, Jung Mo. Para além do espírito do império: novas perspectivas em política religião. São Paulo: Paulinas, 2012.

MORIN, E. "Ciência com Consciência". Ed. Publicações Europa-América, Lda, Portugal: 2006

MORIN, Edgar. O método IV- A vida da Vida. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987. v. II.

PANIKKAR, Raimon, Morte e ressurreição da Teologia, Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 15-29, dez. 2005

PONDÉ, Luiz Felipe. Epistemologia Agônica e Disfuncionalidade Humana: um ensaio de teologia pessimista. REVER – Revista de Estudos de Religião, 02. São Paulo, 2001. pp. 79-95

POULANTZAS, Nicos. Hegemonía y dominación en el Estado moderno. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1968.

REIS, José Carlos. História e Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006. [1ª ed. 2003]

RORTY, R. Consequences of pragmatism. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982

RORTY, R. Contingency, Irony and Solidarity. Cambridge, Cambridge University Press. 1989

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal. 17. ed., Rio de Janeiro: Recorde, 2008.



THOMPSON, E. P. Exterminism and Cold War. London: Verso/New Left Books. 1982

TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

WESTHELLE, Vitor. Outros saberes: Teologia e ciência na modernidade. In: Estudos Teológicos 3, 258-278. 1995

